



O TEMOR DA MORTE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

ANA PAULA MANOEL FELIPE¹

RESUMO

No presente artigo, analiso o temor da morte na filosofia de Arthur Schopenhauer. Para tanto, evidencio os argumentos usados pelo autor a favor e contra a morte. Destaca-se o argumento segundo o qual o apego à vida é irracional, tendo em vista o reconhecimento da falta de importância da individualidade dos seres humanos para a constituição do mundo. Nesse rumo, evidenciam-se dois tipos de morte em sua teoria: a morte comum e a morte resultante da mais completa resignação conhecida como ascese. A morte apresenta-se como correção do erro de existir, morte essa que liberta o ser humano dos grilhões de um caráter que não pode ser modificado e de uma individualidade que não pode ser corrigida.

Palavras-chave: Morte. Indestrutibilidade. Temor. Caráter. Individualidade.

THE FEAR OF DEATH IN SCHOPENHAUER'S PHILOSOPHY

ABSTRACT

In this article, I analyze the fear of death in the philosophy of Arthur Schopenhauer. To do so, I highlight the arguments used by the author in favor of and against death.

¹ Mestranda no programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina

Notably, Schopenhauer argues that attachment to life is irrational and emphasizes the lack of significance of individuality in the constitution of the world. His theory distinguishes between two types of death: common death and the death resulting from complete resignation, known as ascesis. Death is portrayed as a correction of the error of existence, freeing the human being from the shackles of an unchangeable character and an uncorrectable individuality.

Keywords: Death. Indestructibility. Fear. Character. Individuality.

INTRODUÇÃO

O saber em torno da morte e a consideração sobre miséria da vida são os mais fortes estímulos para a introspecção filosófica e a associação íntima da indestrutibilidade do nosso ser em si, isto é, a certeza da indestrutibilidade da vontade, sugere que a morte possa ser considerada a coisa mais fabulosa do mundo. A partir dessas premissas de Schopenhauer, encontradas no quarto livro de *O mundo como vontade e como representação*, examino as características do temor da morte em sua teoria. É preciso esclarecer o significado da morte, bem como os tipos de morte, para em seguida compreender seus argumentos sobre esse temor que circunda a única certeza que o ser humano pode possuir em sua vida: a certeza da morte². A existência do ser humano apresenta-se como um erro que apenas pode ser corrigido por meio da cessação da existência, pois enquanto vive, o homem é submetido a uma prisão condicionada por seu caráter imutável. Refém de si mesmo, preso pelas amarras da imutabilidade de seu caráter, o ser humano é condenado a ser o que é até o fim de sua vida.

O QUE É A MORTE

Para Schopenhauer, a morte é a aniquilação do corpo e a permanência da vontade no mundo. Por meio da morte, o indivíduo perde seu intelecto, sua consciência, seu corpo, suas memórias, sem que isso afete a coisa em si, conhecida como vontade, que é una, indestrutível e inatingível. Os argumentos em favor da morte têm relação direta com o desprezo pela individualidade, pois o indivíduo não tem valor algum para a natureza. Schopenhauer destaca o papel da espécie na

2 Conforme Schopenhauer, nenhum ser, exceto o ser humano, espanta-se com a própria existência; mas para todos a existência entende-se por si mesma, ao ponto de não a notarem. Os animais não são capazes de espantar-se com sua própria existência, a vontade e o intelecto “ainda não se separaram suficientemente para que possam espantar-se um com o outro quando se reencontram” (Schopenhauer, 2015b, p. 195). Sendo assim, o espanto da “essência íntima da natureza” é mais sério pelo fato de o homem, pela primeira vez, estar com consciência em face da morte, visto que é o único animal que possui consciência de seu inevitável perecimento. Desse modo, “com essa introspecção e esse espanto nasce, portanto, a necessidade de uma metafísica, própria apenas do ser humano: este é, pois, um animal metaphysicum.” (Schopenhauer, 2015b, p. 195).

constituição do mundo, pois “o reino da natureza é o tempo infinito de possíveis indivíduos, eis porque ela sempre está disposta a deixar o ser individual desaparecer, o qual, portanto, sucumbe não apenas em milhares de maneiras diferentes” (Schopenhauer, 2015a, p. 319). Logo, a perpetuação da espécie é relevante para a constituição do mundo, enquanto o sujeito isolado em sua plena individualidade não é importante, tendo em vista que, garantidamente, irá sucumbir, pois todo ser nasce, vive e morre. Tanto a morte quanto a procriação devem ser consideradas inerentes à vida, é nesse ponto que se esclarece a transitoriedade dos seres individuais em meio à imortalidade da espécie.

OS TIPOS DE MORTE

Podemos observar dois tipos de morte em sua filosofia, cada tipo apresenta um resultado diferente para o sujeito que morre. O resultado do que Schopenhauer chama de morte comum é justamente a perda do intelecto e o retorno do caráter inteligível para a natureza, novamente objetivado por um novo nascimento, a vontade da pessoa, “vontade em si individual, separa-se na morte do intelecto recebido da mãe, quando da procriação, e então recebe, por outra procriação, um novo intelecto de acordo com a sua agora modificada índole” (Schopenhauer, 2015b, p. 600). A morte pode ocasionar também a supressão da vontade e do seu caráter inteligível, então a consequência seria o fim do ciclo de nascimentos e mortes, mas esse é um tipo de morte muito específica alcançada apenas por meio da negação da vontade que o conduz à redenção. Observa-se a existência de mais de um tipo de morte em sua teoria, a morte comum que se compromete com a palingenesia³ e a morte alcançada por meio da negação da vontade, considerada também um tipo de suicídio, capaz de suprimir o ciclo de nascimentos e mortes que caracteriza a palingenesia⁴.

A partir do resultado de cada tipo de morte, Schopenhauer se baseia em diferentes argumentos para mostrar os seus pontos positivos e negativos. No caso da morte comum, ela se apresenta como uma coisa boa, ao suprimir o erro que é a existência do ser humano no mundo, dissipa a individualidade do ser humano, que não assume um papel preponderante na constituição e desenvolvimento do mundo. Mas, a partir de outro ponto de vista, a morte comum priva o ser humano de alcançar uma potencial salvação que apenas pode ser fornecida pela negação da

3 A palingenesia concerne ao movimento cíclico de reencarnação da vontade. Após a morte do antigo corpo em que habitava, a vontade é novamente objetivada à existência material por meio de um novo nascimento, uma espécie de transmigração de almas. Todavia, em verdade, o termo transmigração da vontade seria mais certo para descrever o que Schopenhauer denomina de palingenesia, visto que ele não defende a permanência da alma do ser humano no mundo, mas sim da vontade enquanto coisa em si.

4 É digno de menção que o tema da supressão do ciclo de nascimentos e mortes que caracterizam a palingenesia é abordado de maneira elucidativa por Ednilson Antoniassi em sua dissertação *Liberdade e redenção na filosofia de Arthur Schopenhauer*.

vontade de vida. A consequência da mais perfeita negação da vontade, conhecida como ascese é justamente a morte, mas não uma morte comum que aniquila a aparência enquanto sua verdadeira essência permanece no mundo⁵, mas sim uma morte capaz suprimir o caráter inteligível e dissipar a vontade individual do sujeito inteiramente resignado, pois, “com a morte do asceta não finda, diferentemente dos outros casos, apenas aparência, mas, a essência mesma” (Schopenhauer, 2015a, p. 443). Por isso, a morte do asceta, longe de ser algo lamentável, se configura como um tipo de morte caracterizada como um bem⁶.

O TEMOR DA MORTE

Schopenhauer apresenta a tese, no que diz respeito à noção de temporalidade do não-ser, se o que causa terrível perturbação no ser humano é o pensamento de não-ser após a morte, então o pensamento de não-ser antes do nascimento do sujeito deveria causar-lhe o mesmo espanto e terror, pois o não-ser após a morte não poderia ser diferente do não-ser antes do nascimento.

Uma infinitude inteira fluiu, quando nós AINDA NÃO éramos: mas isto não nos aflige de modo algum. Ao contrário, o fato de que após o intermezzo momentâneo de uma existência efêmera deva seguir-se uma segunda infinitude, na qual NÃO MAIS seremos, achamos duro, sim, insuportável. (Schopenhauer, 2015b, p. 559)

Esse mesmo argumento foi originalmente proposto por Lucrecio (2021), conhecido como argumento da simetria, que defende que o homem não deve preocupar-se com a morte, apesar da inexistência a que ela o submete. Antes de nascer, o homem passa por um período de inexistência semelhante, que comumente não é considerado ruim, o que parece estar de acordo com o que foi proposto por Schopenhauer. À vista disso, se compararmos o estado em que o ser humano se encontrava antes de existir com o qual ele se encontra após a morte, os dois casos são semelhantes: se o primeiro caso for considerado ruim, o segundo também tem que ser.

5 Vale salientar a afirmação de Schopenhauer de que somos conduzidos aqui a uma “espécie de metempsicose” (Schopenhauer, 2015b, p. 600). Com a morte, a vontade em si individual se separa do intelecto, sendo objetivada novamente por meio de um novo nascimento. Recebe um novo intelecto conforme a sua índole modificada, tonando-se um ser que não possui recordação alguma de sua existência anterior. De acordo com isso, ele destaca que “a palavra palingenesia é mais precisa do que metempsicose para designar essa doutrina” (Schopenhauer, 2015b, p. 600).

6 Marie-José Pernin explica que o nosso intelecto utilitário não pode apreender a possível positividade da morte, já que o intelecto está ligado à afirmação do indivíduo. Tendo isso em mente, o consolo por conta da permanência da vontade, apenas poderia ser entendido através da consciência, mas, a consciência finda juntamente com o intelecto por meio da morte, o que não permite que o homem tenha consciência da permanência de sua verdadeira essência no mundo. Ela defende que “a morte nos propõe uma ocasião de não ser mais o eu; ela nos propõe uma libertação do erro, uma restituição ad integrum. Certamente! Mas desejaríamos ter consciência desse repouso, para saboreá-lo. Ora, isso não é possível se a consciência perece do mesmo modo que as outras formas de conhecimento. (Pernin, 1995, p. 144).

De acordo com isso, o argumento de simetria sugere que ninguém teme a inexistência vital, logo, ninguém deveria temer a inexistência póstuma. Schopenhauer acredita “que a morte, por mais temida que seja, não pode ser considerada propriamente mal algum. Muitas vezes ela aparece até como um bem, como algo desejado, como uma amiga bem-vinda.” (Schopenhauer, 2015b, p. 563). Muitos indivíduos que têm duros obstáculos e sofrimentos insuperáveis em suas vidas podem recorrer à morte para libertar-se desses males e até mesmo podem aguardá-la de uma forma natural ansiosamente. Schopenhauer defende que não existe fundamento algum para temer a morte, tendo em vista que,

a consciência consiste no conhecimento; por isso, para esta a morte não é mal algum. De fato, não é essa parte cognoscente do nosso eu que teme a morte, mas é unicamente da vontade cega que provém a fuga mortis, vontade essa que preenche todo vivente. Para este, entretanto, como já foi mencionado acima, ela é essencial, justamente porque todo vivente é vontade de vida. (Schopenhauer, 2015b, p. 561)

O argumento que se destaca é que o temor da morte não provém do conhecimento e sim da vontade, que é completamente irracional e cega, tornando o medo da morte, na mesma medida, irracional e cego. A resposta mais correta para a pergunta cotidiana sobre a continuação da vida após a morte é justamente o argumento trazido por Lucrécio, que indica que, após a morte, o homem se torna novamente aquilo que era antes do seu nascimento. Desse modo, não há nada para se temer na morte, no máximo o ser humano poderia temer o momento de sua partida, isto é, a dor causada pelo ferimento fatal ou a doença que o leva à morte, mas não a morte propriamente dita, entendida como o não-ser. Sendo assim, Schopenhauer alude que nenhum indivíduo é feito para durar para sempre, todos sucumbem à morte. O que realmente importa é que, por meio da morte, a verdadeira essência em si, conhecida como vontade, permanece intacta no mundo. Com isso, a morte não consegue afetar o único elemento que verdadeiramente concerne à permanência. A necessidade da morte, enquanto supressão da aparência, pode ser deduzida do fato de que o homem, para Schopenhauer, é um mero fenômeno, não é nenhuma coisa-em-si, então “não é *ontôs on* (o verdadeiro ser). Se ele fosse, não pereceria” (Schopenhauer, 2012, p. 143).

A partir de um ponto de vista inteiramente empírico, o ser humano teme a morte mais do que qualquer outra coisa. Não teme somente a morte de si próprio, mas também chora com intensidade a dos seus próximos: não lamenta egoisticamente sua perda, mas, sim, por compaixão, pela grande desgraça que aconteceu. O autor chama a atenção para o que denomina voz da natureza, que em toda parte é igual. Essa voz parece dizer que a morte é um grande mal, haja vista que, na linguagem da natureza, a morte significa aniquilação. Schopenhauer sugere que o medo da morte é independente de todo conhecimento e que o animal o possui, malgrado não

conheça a morte. Dessa forma, esse medo, que a *priori* todo ser que vem ao mundo traz consigo, é apenas o reverso à vontade de vida que todos nós somos. Nesse sentido, o animal teme e procura esconder-se simplesmente porque é pura vontade de vida e, mesmo não tendo consciência da morte, foge porque quer ganhar tempo. Aparentemente, “o maior dos males, o que de pior em geral pode nos ameaçar é a morte, a maior angústia é a angústia da morte.” (Schopenhauer, 2015b, p. 557).

Sendo assim, apego que temos à vida não advém do conhecimento e sim da nossa vontade cega de viver. Sabendo que a vontade é desprovida de conhecimento e cega, se esse medo advém da vontade de vida, então se torna na mesma medida irracional e cego. Schopenhauer defende que o conhecimento, bem longe de ser a origem desse apego à vida, atua justamente em sentido oposto, combatendo o medo da morte. Quando o conhecimento vence e o ser humano parte tranquilamente ao encontro da morte por meio do conhecimento, para o autor, esse ser humano é honrado como grandioso e nobre. Festeja-se, com isso, o triunfo do conhecimento sobre a cega vontade de vida, que, porém, é o núcleo do nosso próprio ser.

Entende-se, pois, que o que torna a morte tão temível não é o fim da vida, mas sim, a destruição do organismo, porque este é a vontade de vida mesma que se expõe como corpo. A morte corresponde para o sujeito apenas ao momento no qual a consciência desaparece. Uma vez que cessa a atividade do cérebro, a morte concerne então só à consciência. Schopenhauer ainda compara a perda da consciência que temos com a morte ao desmaiar e até mesmo com o adormecimento: “Sem dúvida como o sono é o irmão, o desmaio é o irmão gêmeo da morte.” (Schopenhauer, 2015b, p. 562).

No diálogo presente no §141 de *Parerga e Paralipomena* II, intitulado uma “Pequena diversão conclusiva em forma de diálogo”, Schopenhauer oferece esclarecimento sobre a importância atribuída ao fato de nossa individualidade ser destruída pela morte. O diálogo é composto de dois personagens: Filaeto, que apresenta a concepção do próprio autor sobre o mundo; enquanto Trasímaco, que representa a voz de alguém que expõe argumentos que formam oposição à sua teoria. Trasímaco sugere séria preocupação com a perda da sua individualidade com a morte e não parece consolar-se com a ideia de perpetuação de sua verdadeira essência enquanto seu corpo e seu intelecto são destruídos. Filaeto, em resposta ao posicionamento de Trasímaco, afirma que justamente esse desejo presente em seu interior, de querer existir, não está presente exclusivamente nele, mas sim, em tudo que é capaz de possuir qualquer traço de consciência. Por conta disso, esse desejo é exatamente aquilo que não é individual, mas é comum a todos os seres conscientes, sem distinção. Tal desejo não decorre da individualidade que Trasímaco se preocupa tanto em preservar, mas da existência em geral, e é vital a tudo que existe. Desta forma,

o que anseia tão impetuosamente pela existência é apenas mediatamente o indivíduo; imediatamente e propriamente é a vontade de viver em geral, que em todos é uma e a mesma. Como a própria existência é a sua livre obra e mesmo seu mero reflexo, então ela não pode lhe escapar. Ela é provisoriamente satisfeita com a existência em geral, ao menos o tanto quanto ela, a eterna insatisfeita, pode ser satisfeita. As individualidades lhes são indiferentes; na verdade, ela não se preocupa com elas, ainda que pareça ocupar-se do indivíduo que a percebe de uma maneira direta somente em si próprio. Segue-se disso que ela vela pela existência desse indivíduo como um cuidado que de outro modo não aconteceria, e com isso assegura a manutenção da espécie. Disso resulta que a individualidade não é uma perfeição, mas uma limitação; livrar-se dela, portanto, não é uma perda, mas um ganho. (Schopenhauer, 2012, p. 135).

Nesse contexto, Schopenhauer por meio da fala de Filaeto, sugestiona que a preocupação com a destruição da individualidade é algo infantil e que deve ser deixado de lado. Se conhecêssemos completamente o fundamento da verdadeira essência em si, não nos inquietaríamos com tal preocupação considerada por ele como absolutamente ridícula. Vale registrar que, Schopenhauer afirma que é completamente absurdo desejar a perduração de nossa individualidade, substituída por outros indivíduos, do mesmo modo que é absurdo desejar a conservação da matéria do próprio corpo, que é continuamente renovada, e alega que “parece-nos tão tolo embalsamar cadáveres quanto o seria conservar cuidadosamente nossos excrementos” (Schopenhauer, 2015a, p. 321). O autor reconhece que, de fato, o que tememos na morte é o desaparecimento do indivíduo, mas, como o indivíduo é a vontade de vida mesma em uma objetivação singular, é como se todo o ser do indivíduo insurgisse-se contra a morte. Contudo,

ali onde o sentimento nos deixa sem ajuda, e numa tal amplitude, a razão pode entrar em cena e superar em grande parte a impressão adversa dele, ao colocar-nos num ponto de vista superior, de onde temos em mira não o particular, mas o universal. Por isso, um conhecimento filosófico da essência do mundo que chegasse ao ponto de vista no qual estamos agora em nossa consideração, mas não fosse tão adiante, inclusive desde ponto de vista poderia superar os terrores da morte, desde que no indivíduo a reflexão tivesse poder sobre o sentimento imediato. (Schopenhauer, 2015a, p. 328).

Destacam-se em sua metafísica da morte os argumentos em prol de que o apego à vida é irracional. Visto que, “quem teme a morte como o próprio aniquilamento absoluto não pode desdenhar da plena certeza de que o princípio mais íntimo da própria vida permanece intocado pela morte” (Schopenhauer, 2015b, p. 565). Sendo assim, para Schopenhauer, o argumento mais racional para superar os terrores da morte seria baseado na admissão de que o princípio vital, isto é, a vontade, permanece no mundo após a dilaceração do corpo e da consciência. Ele

argumenta ainda que a falta de cuidado da natureza para com a conservação dos seres humanos é uma das provas que edificam sua tese.

Com certeza se nosso olhar penetrasse bem fundo nas coisas, concordaríamos com a natureza e consideraríamos a morte e a vida de modo tão indiferente quanto ela. Entrementes, mediante a reflexão, temos de interpretar a ausência de cuidado e a indiferença da natureza diante da vida dos indivíduos no sentido de que a destruição de uma tal aparência não atinge em nada a sua essência verdadeira. (Schopenhauer, 2015b, p. 568)

Schopenhauer insinua determinada superioridade intelectual de quem não teme a morte, pois “de fato, são apenas cabeças pequenas e limitadas que temem sério a morte como sendo o próprio aniquilamento: todavia, semelhante temor fica completamente afastado daqueles que são decisivamente privilegiados” (Schopenhauer, 2015b, p. 569). Os privilegiados, é claro, seriam os que concordam com sua teoria.

Contra o temor da morte, destaca-se o empenho de Schopenhauer em demonstrar o lado positivo da aniquilação do corpo baseado na indestrutibilidade da vontade. Para ele, a essência mais íntima de cada animal e também de cada humano encontra-se na espécie. Nesta, portanto, e não no indivíduo, enraíza-se a tão poderosa ardente vontade de vida. É por isso que o indivíduo não importa, o que realmente é relevante para a constituição do mundo é inabalável e a morte jamais poderia atingir. Vê-se a comprovação disso na passagem a seguir:

Estou agora empenhado em demonstrar, pela via objetiva, o lado positivo da coisa, a saber que, a coisa em si permanece imune ao tempo e àquilo que só é possível através dele, o nascimento e a morte, e que as aparências no tempo não poderiam nem sequer possuir aquela existência incessantemente fugaz e próxima ao nada se nelas não existisse um núcleo de eternidade. Decerto a eternidade é um conceito de conteúdo meramente negativo, significa uma existência intemporal. Por sua vez, o tempo é uma mera imagem da eternidade. (Schopenhauer, 2015b, p. 579)

Vale salientar a evidente herança platônica presente em seu discurso ao afirmar que “o leão morre, mas a ideia de leão permanece” (Schopenhauer, 2015b, p. 578). Sendo assim, a partir da consciência mais íntima e profunda da sua imortalidade, origina-se a segurança e a tranquilidade com a qual cada ser humano e também o animal segue sem inquietação em meio a uma “multidão de acasos que a cada momento o podem aniquilar e que, de resto, o conduzem de encontro à morte: entrementes, nos seus olhos reflete-se a tranquilidade da espécie que de modo algum é afetada por esse desaparecimento nem se importa com ele” (Schopenhauer, 2015b, p. 578). É nesse sentido que a imortalidade da espécie fortifica o argumento

da falta de importância da individualidade do ser humano. Para exemplificar a ideia, o autor utiliza o exemplo da ideia de cão,

Observai o mais próximo de vós, observai o vosso cão: como se mostra contente e tranquilo! Muitos milhares de cães tiveram que morrer antes que este chegasse a viver: mas o sucumbir daqueles milhares não afetou a IDEIA de cão: esta não foi minimamente turvada por todas aquelas mortes. Por isso ali está o cão, tão fresco e tão forte, como se esse dia fosse o seu primeiro e jamais pudesse haver um último dia, e nos seus olhos brilha o princípio indestrutível que o anima, o *archaeus*. O que então morreu com aqueles milhares? – Não o cão, ele está ileso diante de nós, mas só sua sombra, a sua cópia do nosso modo de conhecimento ligado ao tempo. (Schopenhauer, 2015b, p. 578)

Quando afirma que o cão vive como se seu dia fosse o primeiro e como se jamais pudesse existir o último dia de sua existência, Schopenhauer propõe que o único animal capaz de temer a morte é propriamente o ser humano, pois “o animal vive sem conhecimento propriamente dito da morte: por isso, o indivíduo animal frui imediatamente toda a imperecibilidade da espécie, na medida em que não tem consciência de si senão como um animal sem fim” (Schopenhauer, 2015b, p. 555). Como visto, Schopenhauer não atribui grande importância para a individualidade fenomênica do ser humano, sendo a morte a correção do erro da sua própria existência. No entanto, por mais que o indivíduo não possua valor algum para a natureza, isso ocorre justamente porque “o reino da natureza é o tempo infinito, o espaço infinito e, nestes, o número infinito de possíveis indivíduos” (Schopenhauer, 2015a, p. 319). Em vista disso, a natureza está sempre disposta a deixar o ser individual desaparecer a partir do momento que cumpriu seu papel no mundo de conservação da espécie. O que distingue o homem dos animais, na acepção de Schopenhauer, é a consciência da morte. O ser humano, enquanto aparência no mundo, é meramente um fenômeno passageiro e sem importância.

Conforme Schopenhauer, a vida pode ser comparada a um sonho ruim quando o pesadelo é pavoroso e a angústia atinge o seu mais alto grau. O corpo oferece o despertar para escapar dos horrores do sonho. Da mesma maneira, a vida, quando atinge o mais elevado grau de angústias e de sofrimentos, oferece-nos a oportunidade de interrompê-la por meio do suicídio. O suicídio é comparado, também, a um experimento proposto à natureza, em que se impelirá uma resposta de “qual mudança experimenta a existência e o conhecimento do homem pela morte.” (Schopenhauer, 2015a, p. 171). Não obstante, é encarado como um experimento frustrado, visto que ele suprime a identidade da consciência que teria que ouvir a resposta, consciência esta que sucumbe com a nossa aparência mediante a morte. A única coisa que concerne à permanência no mundo é a vontade, que, por si só, é desprovida de qualquer conhecimento, sendo incapaz de fornecer uma resposta. Para que esse experimento ofereça uma resposta para a mudança

que o homem experimenta perante a existência e o conhecimento, seria necessário que a individualidade permanecesse, de alguma forma, após a morte. Todavia, Schopenhauer afirma que o desejo de imortalizar essa individualidade não passa de um erro. Assim sendo,

desejar a imortalidade da individualidade significa propriamente querer perpetuar um erro ao infinito. Pois, no fundo, cada individualidade é apenas um erro especial, um passo em falso, algo que seria melhor não ser, sim, propriamente falando todos os humanos, são feitos de tal modo que não poderiam ser felizes, não importando o mundo em que fossem colocados. (Schopenhauer, 2015b, p. 588)

Portanto, consoante Schopenhauer, disso deve-se concluir que a cessação do processo vital tem de ser um alívio maravilhoso para a própria força motriz “o que talvez tenha participação na expressão de doce contentamento na fisionomia da maior parte dos mortos. Em geral, o instante da morte pode ser semelhante ao acordar de um grave pesadelo” (Schopenhauer, 2015b, p. 562).

No segundo capítulo de *Aforismos para a sabedoria de vida*, Schopenhauer expressa que o que nos torna felizes ou infelizes não são propriamente o que as coisas são em si, mas sim, a opinião que atribuímos às coisas. Menciona a famosa passagem de Epicteto, que diz que o que comove os homens não são as coisas, mas a opinião que temos sobre elas (Schopenhauer, 2009, p. 19). Esse argumento parece adequar-se da mesma maneira ao que se refere ao temor da morte, porquanto a morte, precisamente, não pode ser considerada mal algum para Schopenhauer, apenas a opinião que se tem dela poderia conferir-lhe algum mal.

OS TIPOS DE SUICÍDIO

Considera-se que a perda da individualidade não representa algo de grande relevância para Schopenhauer. A partir disso, é possível compreender que, ao superar o medo de perder a individualidade, o sujeito pode superar os terrores da morte. Vale ressaltar que argumentos sobre a superação do medo da morte são encontrados também em sua obra *Sobre a liberdade da vontade*. Nesse texto, Schopenhauer esclarece que o ponto mais importante para a decisão de optar pelo suicídio⁷ consiste na existência de um motivo excepcionalmente forte que seja capaz de sobrepor-se à vontade de viver e ao medo da morte. Portanto, para um indivíduo optar pelo suicídio, não basta apenas possuir um objeto mortífero em mãos ou

7 Diante da perspectiva que reconhece a insignificância do homem no mundo, pode-se cometer o erro de tomar o pessimismo de Schopenhauer como uma apologia ao suicídio, mas Jean Lefranc assertivamente pontua que “a objeção mais superficial que se poderia levantar contra Schopenhauer é acusar o seu pessimismo de induzir ao suicídio” (Lefranc, 2019, p. 169). Segundo Jean Lefranc, seu pessimismo não corresponde a um julgamento histórico, mas, sim, a uma tese metafísica.

até mesmo estar à beira de um precipício, mas é necessário um motivo capaz de encorajá-lo a abrir mão de sua existência.

De maneira igualmente equivocada, alguns pensam, ao segurar em suas mãos uma pistola carregada, que poderiam com ela atirar em si mesmos. Para isso, aquele meio mecânico de execução é o de menos; o ponto principal, contudo, é um motivo extremamente forte e, daí raro, que possui uma enorme força, necessária para sobrepor à vontade de viver ou, mais corretamente, ao medo da morte. Apenas depois de algo assim entrar em cena é que aquela pessoa pode atirar em si mesma, e então tem de fazê-lo. A não ser que um contramotivo ainda mais forte, se é que algo assim é possível, impeça o ato. (Schopenhauer, 2021, p. 75)

O suicídio é dificilmente causado somente por ocasião externa, mas, segundo Schopenhauer, no seu fundamento reside uma certa moléstia corporal. Dessa forma, conforme for o grau de moléstia corporal, maior ou menor será o grau da ocasião externa exigida para cometer o ato de atentar contra a própria vida, “por conseguinte, infelicidade alguma é tão grande que leve alguém ao suicídio, e nem tão pequena que já não tenha levado alguém a cometê-lo” (Schopenhauer, 2015b, p. 480). É admissível que o suicida não tenha necessariamente superado o medo da morte ao atentar contra sua própria vida. Faz sentido pensar que o sofrimento do indivíduo seja tão grande que o medo da morte não seja capaz de mantê-lo no mundo. O suicida sobrepõe o medo da morte com um motivo excepcionalmente forte, mas não o extingue. Em outras palavras, penso que um sofrimento insuportável muitas vezes pode ser maior que o medo da morte, mas isso não quer dizer que o medo da morte deixe de existir.

Outro tipo de suicídio mencionado por Schopenhauer é a morte autoimposta realizada pelo asceta. O suicídio ascético se distancia muito do suicídio comum, pois nesse caso o medo da morte não precisa ser superado por um motivo excepcionalmente forte. Visto que Schopenhauer consente com o conteúdo metafísico da noção de palingenesia, ele atribui à ascese a possibilidade de revogação do ciclo de nascimentos e mortes, pois “com essa morte não finda, diferentemente dos outros casos, apenas a aparência; mas a essência mesma que aqui ainda não tinha tão só uma existência débil é, em e através da aparência, suprimida” (Schopenhauer, 2015a, p. 443-444). A negação da vontade poderia pôr fim não apenas ao fenômeno da “morte comum”, mas também ao que é essencial, a vontade. Sendo assim, o fim da participação do sujeito negador no ciclo de nascimentos e mortes que constituem a teoria da palingenesia. Eis o papel fundamental da palingenesia para a compreensão da “morte comum” apenas como correção do erro de existir, enquanto a morte do asceta equivale à verdadeira redenção atingida por meio do quietivo⁸ da vontade.

A NEGAÇÃO DA VONTADE DE VIDA, mostra-se quando aquele conhecimento leva o querer a findar, visto que, agora, as aparências individuais conhecidas não mais fazem efeito como MOTIVOS do querer, mas o conhecimento inteiro da essência do mundo, que espelha a vontade e, assim, a vontade suprime a si mesma livremente. (Schopenhauer, 2015b, p. 331-332)

Todavia, é necessário destacar que o maior objetivo moral proposto por Schopenhauer não parte de uma escolha individual, o sujeito não pode simplesmente decidir se tornar um asceta instantaneamente. A “morte comum” que corrige o erro de existir, é facilmente atingida pelo ser humano que decide pôr fim a sua vida por meio da morte autoimposta, no entanto, alcançar a redenção por meio do ascetismo se trata de uma complexidade muito maior. Por mais que a ascese se caracterize como o maior objetivo moral, Schopenhauer propõe outro possível caminho para a negação da vontade, conhecido como *Deutero Plus*⁹, o sofrimento sentido.

É importante enfatizar que, distintamente do suicídio comum, o asceta não busca a morte como um fim, nem mesmo como um meio de sanar as dores insuportáveis às quais está submetido. O asceta não visa a morte, o suicídio nesse caso é apenas uma consequência de sua conduta, mas nem por isso deixa de se caracterizar como suicídio. Por definição, a palavra “suicídio” consiste no ato de causar a própria morte intencionalmente. A partir de suas práticas penitenciais, o asceta provoca sua própria morte. A sua principal intenção não é buscar a morte, mas sim a redenção, o que não exclui a consequência dessa busca, resultando em uma morte inevitável causada por ninguém menos que o próprio sujeito totalmente resignado.

A MORTE COMO CORREÇÃO DO ERRO DE EXISTIR

Não devemos temê-la, pois a morte liberta. A libertação que Schopenhauer concede à morte diz respeito à restituição do erro de ter nascido, posto que “a morte é a grande oportunidade de não ser mais eu: ditoso seria quem aproveita.” (Schopenhauer, 2015b, p. 606). A morte se revela como correção: por meio dela, o indivíduo é liberto das amarras de uma individualidade irrelevante, pois o que realmente é essencial é o núcleo do seu verdadeiro ser, a única coisa que não pode

9 Esse caminho representa o conhecimento imediatamente sentido “é o sofrimento pessoalmente sentido, não o meramente conhecido, o que com mais frequência produz a completa resignação, e na maioria das vezes com a proximidade com a morte” (Schopenhauer, 2015a, p. 455). A diferença entre as duas vias é o caminho percorrido para alcançar a redenção. No caso do asceta, o primeiro caminho é conquistado gradualmente por meio do sofrimento conhecido e livremente adquirido por intermédio da visão que transpassa o princípio de individuação, ao passo que no segundo caminho o conhecimento não surge gradativamente, mas sim subitamente por meio de um forte sofrimento sentido pelo indivíduo. Por mais que exista uma diferença entre os dois caminhos que podem ser percorridos para o alcance da negação da vontade, o ponto de chegada é o mesmo, ambos resultam na supressão completa do princípio de individuação e o alcance do que Schopenhauer denomina como “conhecimento verdadeiro” (Schopenhauer, 2015b, p. 724), “conhecimento correto” (Schopenhauer, 2015b, p.725) e “conhecimento melhor” (Schopenhauer, 2015b, p. 725).

ser atingida pela morte. A morte é vista como a grande correção que a vontade de vida, e o egoísmo essencial a esta, recebem durante o curso da natureza, morte que pode ser concebida como uma punição para nossa existência, “o desatar doloroso do nó que a procriação amarrou com volúpia e é a destruição violenta, vinda de fora, do erro fundamental do nosso ser, é a grande desilusão.” (Schopenhauer, 2015b, p. 605). Todo ser humano consiste em algo que não deveria ser, por isso, cessa de ser por meio da morte.

Durante a vida, a vontade do ser humano é sem liberdade, e sobre a base de seu caráter imutável o seu agir se dá com necessidade ao longo da cadeia de motivos. Cada um traz em sua memória muitas coisas que fez e sobre as quais não está contente consigo mesmo. Se vivesse para sempre, então, em virtude da imutabilidade do caráter, como já foi mencionado, agiria constantemente da mesma maneira. Por isso tem de cessar de ser o que é, para poder, a partir do germe do seu ser, ressurgir renovado e transformado. Nesse sentido, é possível compreender que a morte rompe quaisquer vínculos e que a vontade se torna de novo livre. Dessa forma, a morte é o momento de libertação da unilateralidade de uma individualidade que não constitui o núcleo mais íntimo de nosso ser, mas antes representa um tipo de aberração dele: a verdadeira, originária liberdade aparece de novo nesse momento que, no sentido já indicado pode ser considerado como uma restituição do *restitutio in integrum*. (Schopenhauer, 2015b, p. 606-607)

O autor enfatiza que a paz e a calma na face da maior parte dos mortos parecem provir daí. Serena e tranquila é, via de regra, a morte de todo bom humano, mas o morrer voluntariamente, morrer de bom grado, morrer animado, é prerrogativa do sujeito resignado, daquele indivíduo que renuncia e nega a vontade de vida. Afinal, apenas ele quer morrer realmente, e não só aparentemente, consequentemente, não precisa nem deseja permanência alguma da sua pessoa e não se preocupa de modo algum com a conservação da sua individualidade. Com efeito, a morte corrige o erro que corresponde à existência da individualidade do ser humano no mundo, logo, desejar a perpetuação da individualidade, conforme Schopenhauer, significa perpetuar um erro ao infinito. A única maneira de o ser humano deixar de ser o que é, isto é, um erro, cuja não existência é preferível à existência, dá-se unicamente por meio da morte, que coloca fim à existência da aparência, que não é importante. Com isso, por meio da morte, permanece no mundo exclusivamente o que é verdadeiramente real, a vontade.

Desejar a imortalidade da individualidade significa propriamente querer perpetuar um erro ao infinito. Pois, no fundo, cada individualidade é apenas um erro especial, um passo em falso, algo que seria melhor não ser, sim, algo em relação a que a meta de toda a vida é encontrar uma saída. Isso encontra sua confirmação no fato de que quase todos, sim, propriamente falando todos os humanos, são feitos de tal modo que não poderiam ser felizes, não importando o mundo em que fossem colocados. Pois na medida em que nesse outro mundo a necessidade e a fadiga fossem evitados, cairiam presas do tédio, e na medida em que este fosse prevenido, seriam agarrados

pela necessidade, pelo flagelo e pelo sofrimento. Para um estado de felicidade do ser humano não seria de modo algum suficiente que se transportasse para um “mundo melhor”, mas também ainda seria exigido que nele próprio se desse uma alteração fundamental, logo, que ele não mais fosse o que é, mas em vez disso se tornasse o que não é: esta exigência é satisfeita provisoriamente pela morte, cuja necessidade moral já pode ser apreendida a partir desse ponto de vista. (Schopenhauer, 2015b, p. 588)

Schopenhauer argumenta que se a vida em si mesma fosse realmente um bem precioso e absolutamente preferível ao não-ser, a sua porta de saída, não precisaria ser guardada por sentinelas tão terríveis quanto os temores da morte, “mas quem permaneceria na vida, tal como ela é, se a morte fosse menos terrível? – E quem poderia sequer suportar o simples pensamento de morte se a vida fosse uma alegria?!” (Schopenhauer, 2015b, p. 691). Portanto, a morte pode ser vista como algo bom, já que é o fim dessa existência, caracterizada como um erro. Esse erro possui um sentido moral, pois a morte é a sentença que condena a existência imperfeita de todo ser humano. O caráter moral da condenação atribuída ao homem por meio da morte diz respeito propriamente à correção dos erros que seriam eternos caso o ser humano fosse imortal.

A morte refuta o erro de existir e suprime-o. O excessivo valor que o ser humano atribui à sua individualidade limita-o e não o permite enxergar sua verdadeira insignificância diante do mundo, pois acredita que sua existência limita-se apenas à sua própria pessoa. Em vista disso, “eu acredito que no instante da morte adquirimos a ciência de que uma mera ilusão limitou a nossa existência à nossa pessoa” (Schopenhauer, 2015b, p. 718). E assim, a morte restitui o ser humano do erro que simboliza a sua existência no mundo. No entanto, por mais que a morte restitua o ser humano do erro que compõe a sua existência, é importante lembrar que a redenção, como visto anteriormente, apenas pode ser alcançada por dois caminhos: por meio da ascese e por intermédio do sofrimento sentido. Sendo assim, a morte corrige o erro que compõe a existência do ser humano no mundo, porém, a redenção não pode ser alcançada por meio da morte “comum” aqui entendida apenas como fim da existência corporal do ser humano, que pode ser imposta, por exemplo, por alguma doença ou até mesmo pelo suicídio.

A PRISÃO CONDICIONADA POR UM CARÁTER IMUTÁVEL

Conforme Schopenhauer, o caráter do ser humano pode ser qualificado como individual, melhor dizendo, cada indivíduo detém um caráter diferente, pode ser denominado empírico, ou seja, que somente por meio da experiência ele é conhecido, e, por fim pode ser denominado constante, dado que ele permanece o mesmo durante toda a vida.

Sob o revestimento modificável de seus anos, suas relações, e até mesmo de seus conhecimentos e visões, o ser humano em sua identidade, o ser humano propriamente dito, permanece, como um caranguejo em sua concha, completamente imodificável e sempre o mesmo. (Schopenhauer, 2021, p. 84)

O ser humano, como qualquer outra parte da natureza, é considerado objetividade da vontade. Assim como cada coisa na natureza possui suas forças e qualidades que reagem a determinadas influências de determinada maneira e constituem o seu caráter, também o ser humano possui seu caráter, em virtude do qual os motivos produzem suas ações com necessidade. Nesse modo de agir, manifesta-se seu caráter empírico, que por sua vez manifesta-se de novo seu caráter inteligível, a vontade em si da qual ele é aparência determinada (Schopenhauer, 2015a, p. 332-333). Em outras palavras, o caráter inteligível coincide com a ideia, com o ato originário da vontade que nela se objetiva, isso quer dizer que “meu caráter inteligível, cuja aparência no tempo é meu caráter empírico” (Schopenhauer, 2015a, p. 125). Sendo assim, o caráter empírico é inteiramente determinado pelo caráter inteligível, sendo sem fundamento, isto é, não está enquanto coisa em si, ou seja, vontade submetida ao princípio de razão, forma da aparência. Schopenhauer concebe que o caráter inteligível de cada ser humano deve ser considerado um ato extratemporal, indivisível e imutável da vontade, cuja aparência, desenvolvida e espalhada em tempo, espaço e em todas as formas do princípio de razão, é o caráter empírico como este se expõe conforme a experiência. Dessa forma, a partir da manifestação do caráter empírico na vida do indivíduo, existe outra definição de caráter que precisa ser considerada, o caráter adquirido. Schopenhauer entende como adquirido o caráter obtido na vida pelo comércio com o mundo, ao qual é feito referência ao elogiar uma pessoa por ter caráter ou a censurar por não ter.

Pode-se dizer que, embora sempre sejamos as mesmas pessoas, tendo em vista a imutabilidade do caráter e sua individualidade, nem sempre nos compreendemos, em verdade o ser humano se desconhece. Por meio do caráter adquirido, ele é capaz de adquirir o conhecimento de quem realmente é (pelo menos uma parte do conhecimento, tendo em vista a impossibilidade de um autoconhecimento absoluto). Vale salientar que o caráter pode ser adquirido, mas não modificado, pois o homem é refém de seu próprio caráter, preso pelas amarras de sua imutabilidade, condenado a ser o que é até o fim. Essa consideração possui uma relação direta com o que é dito por Schopenhauer no início do livro quarto de *O mundo*, “neste livro de ética não se deve esperar prescrições nem doutrinas do dever” (Schopenhauer, 2015a, p. 314), pois para ele a filosofia é sempre descritiva e não prescritiva, portanto, ela não é capaz de modificar o caráter de alguém prescrevendo uma receita universal para todas as virtudes. Desse modo,

para um estado de felicidade do ser humano não seria de modo algum suficiente que se o transportasse para um “mundo melhor”, mas também ainda seria exigido que nele próprio se desse uma alteração fundamental, logo, que ele não mais fosse o que é, mas em vez disso se tornasse o que não é, mas para isso ele primeiro tem de deixar de ser o que é: esta exigência é satisfeita provisoriamente pela morte, cuja necessidade moral já pode ser apreendida a partir desse ponto de vista. (Schopenhauer, 2015b, p. 588)

A alteração fundamental no caráter só é alcançada por meio da morte, o ser humano está fadado a ser refém das condições promovidas por ser quem é, sem poder se tornar outro, por mais insatisfeito que esteja consigo mesmo, não é capaz de alterar sua condição. Nesse sentido, conforme Schopenhauer, o caráter do ser humano pode ser qualificado como individual, melhor dizendo, cada indivíduo detém um caráter diferente. Pode ser denominado empírico, ou seja, que somente por meio da experiência ele é conhecido. Por fim, pode ser denominado constante, dado que ele permanece o mesmo durante toda a vida. O caráter individual é inato, não é produto do acaso ou do meio em que sua existência é submetida. Desse modo, entende-se que as virtudes e vícios de cada indivíduo são também inatos e imodificáveis. Por isso, o papel da ética não pode possuir um caráter prescritivo, de nada adianta a prescrição de uma moral se considerarmos que a virtude não pode ser ensinada e nem mesmo adquirida durante a vida.

CONCLUSÃO

Diante da tese de que nenhum indivíduo foi feito para durar para sempre, pois todos sucumbem com a morte e o ser humano não perde nada relevante por meio dela, tendo em mente que o que realmente importa se mantém indestrutível, Schopenhauer sugere que a preocupação com a própria individualidade pode ser caracterizada como infantil ou até mesmo absurda. Se o homem conhecesse o fundamento da sua verdadeira essência, quer dizer, a vontade, jamais se inquietaria com tal tipo de perturbação. Schopenhauer exprime argumentos em favor de a morte ser pensada como algo que não oferece prejuízos ao ser humano e atribui à preocupação com a sua individualidade um valor inútil.

A morte é o resumo da vida, o seu fim propriamente, pois “no momento em que a morte se dá, decide-se tudo o que no curso inteiro da vida fora apenas preparado e introduzido” (Schopenhauer, 2015b, p. 758). Em vista da consciência da morte que o homem possui, parece razoável considerar, de certa forma, a morte também como o objetivo da vida. Todo ser humano carrega consigo a certeza de que um dia morrerá e não está ao seu alcance viver infinitamente. Dessa maneira, a morte pode ser encarada como o objetivo final de toda a vida. Entretanto, a certeza da morte, seguindo a perspectiva de Schopenhauer, não deveria causar nenhum

tipo de temor ou de inquietação, tendo em conta que a morte é incapaz de atingir a verdadeira essência, que se conserva intocável no mundo. Ainda assim, esse tipo de sistema metafísico, que retira a pertinência da individualidade do ser humano e realoca-a na vontade enquanto coisa em si, pode estimular questionamentos sobre o sentido da vida. Por mais que Schopenhauer considere a preocupação com a própria individualidade completamente ridícula, questionamentos sobre a irrelevância do ser humano enquanto fenômeno no mundo podem perturbar almas sensíveis.

No que toca à transitoriedade fenomênica, por meio da faculdade de razão, surgiu nos seres humanos a certeza assustadora da morte. Porém, “na natureza para todo mal se é dado um remédio, ou ao menos uma compensação” (Schopenhauer, 2015b, p. 555), destaca-se então, que a razão responsável por instaurar o apavorante medo da morte, contribui também para o desenvolvimento de concepções metafísicas consoladoras em face dela, das quais os animais não necessitam e que nem ao menos são capazes de desenvolver. Apesar do homem refletir e possuir consciência da morte, ele insiste em queixar-se da única certeza do mundo que não engana ninguém e que é igual para toda a humanidade, o fim é igual à todos. Desse modo, a morte liberta o ser humano da prisão que constitui o seu próprio caráter imutável. Ela corrige o erro que constitui sua existência no mundo e promove o livramento do cárcere existencial do ser humano. Em suma, a morte é excessivamente temida porque o ser humano teme tudo que não consegue compreender. Propriamente, não pode ser considerada mal algum, apenas a opinião que se tem dela poderia conferir-lhe algum mal, visto que somos incapazes de saber precisamente o que a morte é, pois, quando a morte nos agarrar, já não mais seremos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIASSI, E. *Liberdade e redenção na filosofia de Arthur Schopenhauer*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2019.

EPICTETO. *O manual de Epicteto*. Trad. Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Universidade Federal de Sergipe, 2012.

LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Trad. Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PERNIN, Marie-José. *Schopenhauer*. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SCHOPENHAUER *Sobre a ética*. Trad. Flamarion C. Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

SCHOPENHAUER. *Sobre a liberdade da vontade*. Trad. Lucas Lazarini Valente e Eli Vagner Francisco Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2021.

SCHOPENHAUER. *Sobre o fundamento da moral*. Trad. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015a.

SCHOPENHAUER. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015b.

SCHOPENHAUER. *Die Welt als Wille und Vorstellung I*. Ludger Lütkehaus (Hrsg). Feldafing: Haffmans Verlag bei Zweitausendeins, 2018.

SCHOPENHAUER. *Die Welt als Wille und Vorstellung II*. Ludger Lütkehaus (Hrsg). Feldafing: Haffmans Verlag bei Zweitausendeins, 2018.

SCHOPENHAUER. *Die beiden Grundprobleme der Ethik*. Ludger Lütkehaus (Hrsg). Feldafing: Haffmans Verlag bei Zweitausendeins, 2018.

SCHOPENHAUER. *Parerga und Paralipomena I*. Ludger Lütkehaus (Hrsg). Feldafing: Haffmans Verlag bei Zweitausendeins, 2018.

SCHOPENHAUER. *Parerga und Paralipomena II*. Ludger Lütkehaus (Hrsg). Feldafing: Haffmans Verlag bei Zweitausendeins, 2018.